



Esquerda e Direita: Perspectivas para a Liberdade

Murray N. Rothbard

Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges.

São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 3ª ed., 2010. (44 páginas)

ISBN: 978-85-62816-21-5

Em uma passagem de seu livro de memórias, *The Betrayal of the American Right*, o economista Murray N. Rothbard (1926-1995) descreve sua relação com a *National Review*, a principal revista conservadora nos EUA nas décadas de 1950 e 1960: “a imagem que *National Review* tinha de mim era a do purista libertário amável, porém utópico, que devia ser mantido confinado estritamente à proposição da economia de *laissez-faire*”. Mas para falar de temas políticos? Para isso, Rothbard não servia; cabia aos “ideólogos beligerantes” da publicação – anticomunistas militantes como o também libertário Frank Meyer (1909-1972), o ex-comunista convertido à direita James Burnham (1905-1987) e o editor e fundador da revista, William F. Buckley Jr. (1925-2008), apologista declarado do macarthismo¹ – a “corajosa e realista tarefa de me defender das depredações do comunismo mundial, e me darem o luxo de conceber utopias a respeito de corpos de bombeiros privados”. Numa palavra, Rothbard se sentia no papel de um “castrado”².

E não era para menos. Enquanto Rothbard, um admirador da “Velha Direita” isolacionista de antes da Segunda Guerra, formada por homens como Garet Garrett (1876-1954) e Frank Chodorov (1887-1966), mantinha-se fiel ao princípio libertário da não

agressão e questionava o militarismo crescente da Guerra Fria, seus colegas conservadores não apenas aceitavam a polarização ideológica das superpotências como defendiam uma atitude agressiva na luta contra o “inimigo vermelho”. Basta lembrar, por exemplo, que por anos a *National Review* defendeu a estratégia do *rollback*, a conquista de territórios aos comunistas na Europa e outras partes do mundo – na prática, a guerra, como já havia sido tentado (em vão) na Coreia. Rothbard, por outro lado, convenceu-se de que a busca da paz era crucial e de que a única posição viável na política externa americana era “a ala ‘esquerda’ do Partido Democrata”, representada pelo candidato à presidência Adlai Stevenson (1900-1965)³. Isso significava que, enquanto praticamente toda a direita americana sonhava com o triunfo sem concessões do mundo capitalista, capitaneado pelos EUA, sobre o bloco comunista, Rothbard elegeu a paz como prioridade. Em suas palavras, isso o fez, na década de 1960, “pular o muro para um *Democratismo emocional de esquerda*”⁴.

Curiosamente, essa conversão não significou nenhuma mudança fundamental de princípios. A defesa apaixonada da liberdade individual e do livre mercado, e da paz sob a qual esses elementos pudessem florescer, continuaram as mesmas. Foram as circunstâncias políticas que mudaram. E já que a direita conservadora não se mostrava receptiva às suas ideias, Rothbard, vendo-se

¹ NASH, George H. *The Conservative Intellectual Movement in America since 1945*. New York: Basic Books, 1979. Cap.4 *passim*.

² ROTHBARD, Murray N. *The Betrayal of the American Right*. Auburn: The Ludwig von Mises Institute, 2007. p. 172. Disponível em: <https://mises.org/books/betrayal.pdf>. [Acesso em: 14/9/2014.]

³ Idem. *Ibidem.*, p. 174.

⁴ Idem. *Ibidem.*

como homem “de esquerda”, foi buscar novos aliados. Mas o que era a esquerda americana nesse começo dos anos 1960? Os comunistas, decadentes? Os socialistas, inexpressivos? Os *liberals*⁵, apoiadores do Estado interventor aos moldes do New Deal?

A resposta encontrada por Rothbard foi um movimento recém-nascido: a Nova Esquerda. O termo, popularizado nos EUA pelo sociólogo C. Wright Mills (1916-1962), denotava uma série de grupos e movimentos reformistas, uns informados pelo marxismo, outros pelo liberalismo moderno ou por tradições radicais americanas. Em comum, a forte ligação com o movimento estudantil e um conjunto de temas e abordagens mais amplo do que a esquerda tradicional, como a alienação e o declínio do espírito de comunidade na sociedade de consumo, a questão racial e a impessoalidade de instituições excessivamente burocratizadas. Na academia, ela se caracterizava por uma disposição crítica à atuação dos EUA, o que engendrou uma historiografia revisionista que contestava a visão então dominante do país como uma força quase exclusivamente positiva no mundo. Assim, historiadores como William Appleman Williams (1921-1990), autor de *The Tragedy of American Diplomacy*, procuraram demonstrar como os EUA podiam ser tão imperialistas e opressores no trato com as nações mais fracas quanto seu rival soviético⁶. Quando a Guer-

ra do Vietnã começou de fato, em 1965, foi esse tipo de crítica influenciou as principais lideranças do movimento antiguerra, praticamente iniciado pela maior organização da Nova Esquerda estudantil, a Students for a Democratic Society (SDS)⁷.

Desse contato com a Nova Esquerda, Rothbard tentou construir uma aliança eclética e abrangente não apenas contra a guerra em si, mas também contra o Estado que a fomentava e dela se nutria à custa dos direitos dos cidadãos. Nesse espírito, fundou no mesmo ano de 1965 a revista *Left and Right*, da qual o presente artigo, “Esquerda e Direita: Perspectivas para a Liberdade”, foi o primeiro editorial. Quase 50 anos depois, ele continua atual.

A tese central do texto é que a posição dos libertários no espectro político americano está *errada*. Identificados com a direita, vistos como uma ala do movimento conservador, “*mais forte na aparência e supostamente um aliado*”, os libertários eram vítimas de uma visão histórica equivocada. Seu lugar real, conforme os seus princípios e sua trajetória ao longo da história do pensamento liberal, era na *esquerda*, isto é, na *oposição ao status quo*, ainda pleno de ameaças à liberdade e ao pleno desenvolvimento humano. Dito de outra forma, os libertários deveriam se voltar contra os conservadores aos quais se haviam aliado:

Em sua modalidade norte-americana atual, o recente ressurgimento conservador do início da década de 1960 representou os últimos estertores de uma América anglo-saxônica, branca, de pequenas cidades, rural e fundamentalista⁸.

Ou seja, “*uma América irreversivelmente moribunda*”⁹. Engajado numa eterna luta de retaguarda contra os avanços da liberdade,

⁵ Nos EUA, *liberal* tem uma conotação diferente de na Europa ou no Brasil. Em linhas gerais, denota uma pessoa comprometida com a defesa dos direitos e liberdades individuais do liberalismo clássico, e de uma economia democrática capitalista, por um lado, mas que o faz por meio de um Estado regulador nos moldes do New Deal de Franklin Delano Roosevelt (1882-1945). Essa corrente também é às vezes chamada de liberalismo social ou liberalismo moderno (em contraste com o “clássico” do século XIX). Ver: RYAN, Allan. *The Making of Modern Liberalism*. Princeton: Princeton University Press, 2012. Também útil é: MERQUIOR, José Guilherme. *O Liberalismo Antigo e Moderno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

⁶ MATTSON, Kevin. *Intellectuals in Action: The Origins of the New Left and Radical Liberalism*. University Park: Pennsylvania State University Press, 2002. Cap. 4 *passim*.

⁷ SOUSA, Rodrigo Farias de. *A Nova Esquerda americana: de Port Huron aos Weathermen, 1960-1969*. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 206.

⁸ ROTHBARD, Murray N. *Esquerda e Direita: Perspectivas para a Liberdade*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 3ª Ed. 2010. p. 14.

⁹ Idem. *Ibidem.*, p. 14.

seja na declinante América WASP ou, de forma mais ampla, no mundo dos últimos dois séculos, o conservadorismo se agarrava a resultados eleitorais imediatos, a políticas de curto prazo. Enquanto isso, os libertários, mesmo sem se darem conta, estariam como que a favor da corrente da história, representada pelas vitórias das grandes revoluções liberais, como a Inglesa, a Americana e a Francesa, sobre a “Velha Ordem” representada pela antiga sociedade de *status*, militarista e injusta, em suas diversas versões, desde o feudalismo europeu aos despotismos orientais, onde as massas eram privadas da liberdade e da participação política efetiva. Mesmo os aparentes avanços dos regimes autoritários, como o comunismo, não deveriam despertar o pavor típico da direita anticomunista: afinal, como um todo, não apenas a maior parte do mundo avançava para uma maior liberdade, como o estatismo de países como a URSS, cheio de contradições intrínsecas, cedo ou tarde os condenaria ao colapso.

Para justificar esse reposicionamento ideológico dos libertários, Rothbard traça um panorama histórico das ideias liberais, lembrando o radicalismo que elas representavam frente à Velha Ordem. Toma como modelo Lord Acton (1834-1902), “*uma das poucas figuras da história do pensamento que se foi tornando encantadoramente mais radical à medida que se tornava mais idoso*”, para quem “*o liberalismo deseja aquilo que deve ser, sem levar em conta o que é*”¹⁰. Mas Acton era uma exceção; de modo geral, diz Rothbard, a própria vitória (parcial, bem entendido) do liberalismo levou à diminuição do seu lado radical e à sua transformação numa “*mera defesa do insípido e falho status quo*”. Dois grandes fatores se destacam aí: o abandono da teoria dos direitos naturais e da lei maior, que permitia uma crítica ao sistema em vigor a partir de um critério externo; e o darwinismo social, que contrapunha ao radicalismo dos liberais uma ideia de evolução social infinitamente

lenta e gradual, de “*lentes róseas e pacíficas*”¹¹. De credo combativo que era, o liberalismo se teria tornado uma doutrina apenas reativa e tediosa, fraca ao ponto de se contaminar com ideias externas e contraditórias a ele, como o imperialismo então em voga.

Com os liberais deixando de representar o partido da esperança, coube a um “parente” seu ocupar essa posição: o socialismo. Ocupando uma posição intermediária entre o forte compromisso libertário do liberalismo clássico e a negação da liberdade representada pelos conservadores, o socialismo, todavia, acabou também se tornando refém de contradições. Por exemplo, como o coletivo poderia abolir o Estado opressor e a propriedade privada dos meios de produção, sem se tornar ele próprio um novo Estado tirânico? No fim, os socialistas acabariam buscando *fins* liberais com *meios* conservadores. Isso pode ser visto no caso da “*maioria dos socialistas (fabianos, lassallianos e até marxistas)*”, que marcharam para o que Rothbard chama de “*direita*”, ou seja, o conservadorismo estatista e antilibertário.

Porque também o conservantismo, por sua vez, reformara-se e reaglutinara-se para tentar enfrentar o sistema industrial moderno, e convertera-se num mercantilismo renovado, um regime de estatismo caracterizado pelo estado de privilégios de monopólio (sob formas diretas e indiretas) a capitalistas protegidos e a proprietários de terra quase feudais. A semelhança entre o socialismo de direita e o novo conservantismo tornou-se bastante estreita, o primeiro defendendo programas similares aos do último, mas com um demagógico verniz populista¹².

Dessa forma, numa surpreendente virada dos acontecimentos, essa modalidade de socialismo acabou defendendo medidas similares às dos regimes abertamente conservadores como o da Alemanha bismarckiana. Benefícios sociais eram

¹⁰ Idem. *Ibidem.*, p. 17.

¹¹ Idem. *Ibidem.*, p. 18.

¹² Idem. *Ibidem.*, p. 22-3.

concedidos, mas para manter uma ordem social conservadora e não raro imperialista, em que o Estado perdurava, ainda que sob a forma de uma economia mista a combinar programas previdenciários e o neomercantilismo. Os EUA não foram exceção: baseado na obra do historiador neoesquerdista Gabriel Kolko (1932-2014)¹³, Rothbard afirma que o Estado interventor americano não teria nascido com o New Deal, mas sim duas décadas antes, na chamada Era Progressista. E isso teria se dado, diz ele, não por uma imposição de socialistas e comunistas, mas pelo interesse dos grandes empresários na proteção estatal contra o *laissez-faire*. Teriam sido eles, e não os militantes socialistas, os grandes responsáveis pelo recuo do livre mercado no EUA. Dessa forma, a narrativa conservadora (e também libertária) de que Franklin Roosevelt era o grande vilão estatista da moderna história americana, em contraposição a, digamos, um Herbert Hoover (1874-1964) ou um Calvin Coolidge (1872-1933) liberais, seria um mito. O New Deal, diz Rothbard, foi somente uma expansão de medidas delineadas desde bem antes, com a cumplicidade da elite econômica americana – coisa que, curiosamente, apenas os marxistas-leninistas da época tinham percebido, ao denunciarem (com acerto, para Rothbard) o New Deal como um fascismo à americana.

Se os liberais e socialistas do século XIX se afastaram de seus princípios originais, os libertários do século XX estariam em melhor condição? Para Rothbard, não. Ele cita o exemplo de H. L. Mencken (1880-1956) e Albert Jay Nock (1870-1945), dois membros proeminentes da Velha Direita que se tornaram ícones para muitos conservadores do pós-1945. Embora ambos tivessem dado uma “*sólida contribuição*” para a causa da liberdade¹⁴, deixaram-se levar pelo

pessimismo e não se tornaram líderes de um movimento libertário – erro que “*é o primeiro passo descendente na escorregadia ladeira que leva ao conservantismo*”. E preocupados com o combate ao grande inimigo comum, o New Deal, aliaram-se a vários grupos realmente de direita, acabando por se acomodarem à posição de conservadores e deixando para trás a visão do liberalismo clássico como um movimento de contestação e idealismo. Os “*libertários modernos esqueceram (ou jamais compreenderam) que a oposição à guerra e ao militarismo fora, desde sempre, uma tradição da esquerda que abrangera os libertários*”¹⁵. Ao fim da Segunda Guerra, estavam todos identificados com a direita do espectro político, seguindo os conservadores na apologia da guerra total e perdendo sua identidade tradicional.

O que fazer? Rothbard enfatiza duas coisas. A primeira é rejeitar o pessimismo. Afinal de contas, já há alguns séculos as revoluções liberais tinham mostrado ao mundo inteiro que era possível derrubar a opressão da Velha Ordem, o que por séculos nem se imaginava.

O libertário moderno esqueceu que o liberal dos séculos XVII e XVIII enfrentou desvantagens muito mais esmagadoras que aquelas com que ele hoje se defronta [...]. E, contudo, o liberalismo daquele tempo não se contentava em permanecer um partido insignificante e obscuro; ao contrário, uniu teoria e ação. O liberalismo nasceu e desenvolveu-se como uma ideologia, e, orientando e guiando as massas, fez a revolução que mudou o destino do mundo¹⁶.

Por último, restaria a retificação do posicionamento libertário no espectro político. Era preciso identificar os aliados e inimigos naturais da liberdade, sabendo que toda defesa reacionária da Velha Ordem era, no longo prazo, fútil. E assim, otimista quanto aos resultados *finais* da luta, ainda que distantes no momento, Rothbard faz

¹³ KOLKO, Gabriel. **The Triumph of Conservatism**. New York: Free Press, 1977. (Originalmente publicado em 1963).

¹⁴ ROTHBARD. **Esquerda e Direita: Perspectivas para a Liberdade**. p. 36.

¹⁵ Idem. *Ibidem.*, p. 36.

¹⁶ Idem. *Ibidem.*, p. 41.

também um alerta, bem no espírito da esquerda da década de 1960: a liberdade não triunfará apenas com a formação de intelectuais e a pregação de ideias entre formadores de opinião; trata-se também de uma questão de *poder*. É “*uma lei da história o fato de que jamais uma classe dominante abriu mão voluntariamente do seu poder*”¹⁷. Seria uma nova revolução à vista?

Assim, acessível e provocador, Rothbard instiga uma discussão sempre necessária sobre a relação entre os fins e os meios da ação política. E isso já é motivo o bastante para sua leitura. ∞

¹⁷ Idem. *Ibidem.*, p. 42.

Rodrigo Farias de Sousa

Professor de História da Universidade Candido Mendes (UCAM)

Graduado em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Graduado em História pela Universidade Gama Filho (UGF)

Especialista em História do Século XX pela Universidade Candido Mendes (UCAM)

Mestre e Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

azel79@gmail.com